

PRÓ MONARQUIA



MONARQUIA

por que sim?





Ajude-nos a difundir
esta cartilha.
Pedidos e doações:



Pró Monarquia

Rua Itápolis, 873 - Pacaembu
01245-000 - São Paulo-SP
Tel. (11) 2381-3214 e 2388-1028
monarquia.org.br

A realidade republicana é um pesadelo.
Já está na hora de o Brasil acordar!

O QUE VOCÊ DEVE SABER SOBRE A MONARQUIA



Publicação: Pró Monarquia,
entidade civil sem fins lucrativos

Coordenação geral: Osvaldo Rocco

Design: Gabriel Ferraz Martins

Produção de conteúdo: Equipe
de redação da Pró Monarquia

Fotos: Acervo da Pró Monarquia
e imagens de domínio público

Produção: Equipe Herdeiros do Porvir

Impressão: Margraf Editora e
Indústria Gráfica

Tiragem: 3.300 exemplares

Escreva para gente!



contato@monarquia.org.br

MONUMENTO A D. PEDRO I

Praça Tiradentes, Centro, Rio de Janeiro

Homenageia o Proclamador de nossa Independência, Imperador D. Pedro I, que é representado nesta estátua saudando os brasileiros com um exemplar de nossa primeira e mais duradoura Constituição à mão



1 *Países como Inglaterra, Bélgica, Espanha e Japão têm príncipes e princesas. Mas nós, no Brasil, não temos*



Princesa Isabel

Isso não é verdade. Nós temos, sim, príncipes e princesas no Brasil. Temos uma Família Imperial que foi destronada em 1889, mas que apesar de não reinante se manteve, ao longo das gerações, sempre à disposição de servir ao Brasil, desde os tempos do Imperador D. Pedro I, de D. Pedro II e da Princesa Isabel.

2 *Quem seria, então, o Rei do Brasil?*

Se houvesse Monarquia, não teríamos propriamente um “Rei”, mas um Imperador; não seríamos um Reino, mas um Império. As tradições da Monarquia brasileira eram imperiais, devido à imensidão da nossa Pátria. Aliás, o Brasil é assim imenso devido aos governos sábios de nossos antigos Imperadores, que souberam manter a nossa unidade, ao contrário dos outros países da América do Sul que se dividiram em numerosas repúblicas e repúblicas. Nosso Imperador hoje seria D. Bertrand de Orleans e Bragança, o herdeiro da Família Imperial Brasileira.



Príncipe D. Bertrand de Orleans e Bragança

3

Mas, afinal, o que é uma Monarquia?



A Coroa e o Cetro (na foto são os de D. João VI) representam a monarquia, mas a Família Real é patrimônio da Nação

Monarquia é um sistema de governo em que o monarca reina vitaliciamente sobre um país, como Chefe de Estado. A transmissão de poder ocorre de forma hereditária (de pai para filho). O país tem, assim, unidade em torno da pessoa do Monarca, e tem continuidade na sua administração. A dinastia, a família soberana, é sempre a mesma, é patrimônio do país e está sempre ao seu inteiro serviço, quaisquer que sejam as mudanças da

vida política, sem as disputas e divisões das eleições para Presidente da República.

4

Se voltasse a Monarquia no Brasil, como seria?

Seria como nas monarquias da atualidade, ou seja, constitucional, de tipo parlamentarista. Nelas, o soberano reina como Chefe de Estado, mas não lhe cabe cuidar do governo e da administração nacional, que são atribuições de um governo indicado pelo Parlamento e chefiado por um Primeiro Ministro, que é normalmente o líder do partido político mais votado. O Soberano simboliza a nação, é a representação viva da pátria e exerce, no conjunto do país, um poder Moderador que garante o equilíbrio geral dos demais poderes; já o Primeiro-Ministro trata das questões políticas, adminis-



O Rei Charles III da Inglaterra durante sua coroação em 2023



trativas, governamentais em geral. Um exemplo bem característico desse sistema é o da Inglaterra atual.

5 *Se o Brasil tem uma dinastia com príncipes e princesas, por que são pouco conhecidos?*

Depois da Proclamação da República, em 1889, nossa Família Imperial foi exilada do país e esteve durante mais de 30 anos proibida de entrar no território nacional; muitos monarquistas foram perseguidos e mortos por governos republicanos. Todas as Constituições republicanas, anteriores à atual, proibiam os monarquistas de se organizarem e atuarem livremente. Somente a Constituição vigente, de 1988, suspendeu essa proibição. Durante quase 100 anos houve uma campanha de silêncio sobre nossos príncipes. Nesse período, os livros escolares, financiados pelos governos republicanos, quando falavam dos príncipes, sempre o faziam de maneira pejorativa, nunca reconhecendo o que a Monarquia realizou pelo país. O mesmo fazem ainda hoje muitos órgãos da grande mídia, silenciando quase completamente o período glorioso em que o Brasil foi uma Monarquia bem sucedida e altamente respeitada no mundo inteiro.



A Proclamação da República (representada nesta obra de Benedito Calixto) iniciou um período de cem anos de perseguição aos monarquistas

6

Como vivem nossos príncipes hoje?



D. Bertrand, Chefe da Casa Imperial



D. Antonio, Príncipe Imperial



D. Rafael, Príncipe do Grão-Pará

Vivem como os demais brasileiros: têm profissão, empregos, famílias. Mas têm também a noção de sua continuidade histórica e do grave dever de estarem sempre à disposição da Pátria, caso um dia ela resolva chamá-los de volta. O Príncipe **D. Bertrand**, que é o Chefe da Família Imperial e seria, de acordo com a ordem de sucessão dinástica, o atual Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, é advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Além do português, fala fluentemente francês, inglês e espanhol. Como porta-voz do Movimento Monárquico, percorre o país para participar de Encontros Monárquicos e eventos correlatos, sendo também continuamente convidado para tratar de temas temporais e religiosos. Escritor e conferencista, é um homem de Fé e de ampla cultura, dedicado a estudos históricos, políticos, sociais e econômicos, acompanhando diária e detidamente tudo o que acontece no Brasil e no mundo. O segundo na linha de sucessão, Príncipe Imperial **D. Antonio**, é engenheiro civil e atuou em diversas empresas dessa área; é também artista muito talentoso, pintando aquarelas que mostram a beleza da arte colonial brasileira e fazendo exposições muito concorridas no Brasil e na Europa. Seu filho, **D. Rafael**, Príncipe do Grão-



Pará, é o terceiro na linha de sucessão e o presidente da Juventude Monárquica do Brasil. Formado em Engenharia de Produção, atuou em uma grande multinacional do ramo de bebidas. Atualmente é sócio de uma empresa de consultoria com escritórios em Londres.

7 *O que os príncipes brasileiros estão fazendo para melhorar o país?*



D. Pedro II preferiu morrer pobre no exílio a aceitar o ouro oferecido pela República. No leito de morte, quis repousar sua cabeça em almofada contendo terra brasileira

Atualmente os príncipes não estão no poder e não ocupam posições oficiais, sendo, portanto, bastante limitada sua capacidade de atuação. Mas procuram, em toda a medida do possível, agir. Como? Por exemplo, alertando a opinião pública, em conferências nas universidades, escolas, Assembleias Legislativas, Câmaras Municipais etc., sobre o fato de que existem forças, tanto internas como

externas, querendo prejudicar o Brasil e mantê-lo no atraso. Poderíamos ser uma verdadeira potência econômica, mas não é o que acontece. Além disso, visitam asilos, orfanatos e hospitais levando uma palavra de conforto aos desvalidos. Também dão entrevistas para os mais variados meios de comunicação, falando de temas atuais e históricos.

8 *A Família Imperial recebe algum benefício do governo?*

Não recebe nenhuma ajuda e, se oferecida, com certeza não aceitaria, porque prefere manter sua inde-

pendência em relação a uma República imposta aos brasileiros. Foi ofertada a D. Pedro II uma quantidade enorme de ouro quando de sua deposição e ele rejeitou, alegando que aquele ouro tinha dono: o povo brasileiro. Viveu no exílio pobremente e chegou a passar necessidades, mas com a honra intacta e a consciência tranquila.

9 *Se tivesse sido mantido o regime monárquico o Brasil seria mais rico?*



Durante o Império, nossa moeda era uma das mais estáveis e valorizadas do mundo

Sem a menor dúvida seríamos um país do Primeiro Mundo, ombreado com os Estados Unidos, a Inglaterra, o Japão etc. Isso porque os Soberanos têm visão de longo alcance, tratam dos assuntos nacionais visando as futuras gerações e não as próximas eleições.

10 *O país seria menos corrupto se houvesse Monarquia? Por quê?*



“O juiz era honesto, senão por injunções da própria consciência, pela presença da honestidade no Trono”, constatou Monteiro Lobato na crônica *A Luz do Baile*

A Monarquia não pretende ser uma panaceia que cura milagrosamente todos os males, mas é certo que ela cria as condições para sanar ou pelo menos minorar muitos deles, entre os quais a corrupção. Primeiro, porque a forma de governo monárquica traz consigo uma influência altamente positiva sobre o andamento dos negócios públicos, sejam eles políticos, econômicos ou sociais. Depois, porque o Monarca paira acima



litando, assim, uma fase de autêntico e constante progresso. Nesse período, o Brasil teve uma moda estável, possuiu a quinta maior Marinha de Guerra do mundo, estabeleceu os primeiros Correios e Telégrafos da América,



foi uma das primeiras nações a instalar linhas telefônicas e a segunda a ter o selo postal, implantou enorme rede de comunicações ferroviárias e rodoviárias, ligou-se à Europa pelo cabo telegráfico, teve grande impulso nas ciências, nas letras e nas artes. A República interrompeu todo esse progresso e afundou o país no subdesenvolvimento, do qual até hoje não saímos.

12 *A República não trouxe também benefícios?*

Mal proclamada a República, um dos primeiros atos do governo foi duplicar o salário do Presidente em relação ao que recebia o Imperador. O ideal da classe política instalada no poder com a República não foi, como era no Império, o de servir a Nação, mas servir-se dela. Em 130 anos de República, tivemos 9 presidentes depostos, 2 que renunciaram, 2 que não tomaram posse, 1 que assumiu pela força, 2 juntas militares, 5 presidentes interinos, 5 em regime de exceção e 1 impedido de tomar posse. No mesmo período tivemos oito moedas e a inflação atingiu os estratosféricos 1.400.000.000.000%, enquanto nos 67 anos de Império foi de apenas 1,58% ao ano.



Jornal *O Globo* mostrou em 2015 que a Presidência brasileira custou mais do que a Monarquia britânica



Progresso material certamente houve desde 1889, mas podemos tranquilamente dizer que ele se deve mais ao empreendedorismo e perseverança do povo brasileiro do que à administração governamental.

13 *Por que então foi proclamada a República? A República não foi resultado de um levante do povo brasileiro que desejava ardentemente mudar o sistema de governo?*

A participação popular na Proclamação da República foi nula. O Partido Republicano de então (sim, a Monarquia o permitia!) conseguiu eleger para a Assembleia apenas dois deputados. Ativistas revolucionários aproveitaram-se de uma crise no gabinete imperial para impor a República. Na verdade, o Marechal Deodoro não pretendia derrubar a Monarquia, mas apenas o Ministério chefiado pelo Visconde de Ouro Preto. A abolição do trabalho escravo também concorreu, pois a perda da principal mão de obra desagradou a fazendeiros que passaram a apoiar os republicanos. O que os republicanos mais temiam era o Terceiro Reinado, com a Princesa Isabel no trono, dando continuidade à obra de seu pai, D. Pedro II.

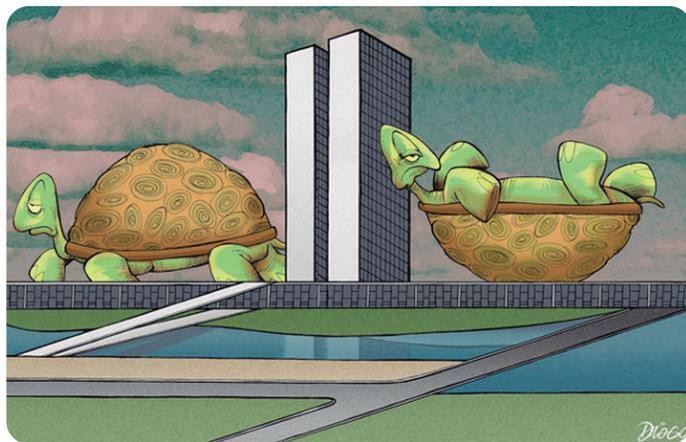


O Marechal Deodoro, ao contrário do que ensinam os livros de História, era monarquista e não pretendia derrubar D. Pedro II

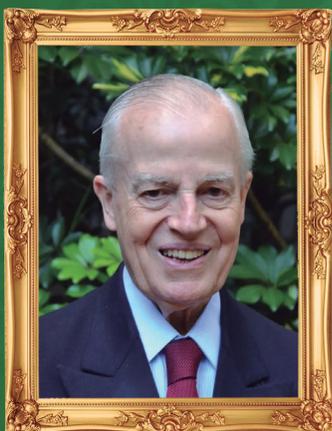
14 *Devemos, então, atribuir todos os males do Brasil atual à República?*

Não se pode dizer que a República seja a única responsável por tudo de errado que acontece no Brasil

atual, mas com certeza ela criou e mantém condições para que as soluções de nossos problemas se tornem cada vez mais complicadas, ou mesmo impossíveis. Hoje os países estão sujeitos a incontáveis influências internas e externas, com reflexos praticamente imediatos em todas as áreas. Mas, assim como uma árvore frondosa e sadia, com raízes profundas, resiste a tormentas, assim também um país com instituições sólidas não se abala com vendavais, venham eles de onde vierem. A realidade é que os sucessivos governos republicanos fragilizaram de forma sistemática nossas instituições, expondo-nos a todo tipo de crise.



Letargia republicana expõe o Brasil a todo tipo de crise



Na linha de sucessão ao trono do Brasil, ocupa o primeiro lugar o Príncipe **D. Bertrand de Orleans e Bragança** (ao lado), atual Chefe da Família Imperial. Em seguida, vem seu irmão **D. Antonio** e seus sobrinhos **D. Rafael** e **D. Maria Gabriela**. Na foto abaixo, vemos à frente D. Antonio e sua esposa, a Princesa belga D. Christine de Ligne, e atrás seus filhos D. Amélia, D. Rafael e D. Maria Gabriela (esq. p/ dir.).



15 *Mas por que, afinal de contas, um Monarca seria melhor do que um Presidente republicano? Que diferença faz o país ser governado por um Imperador ou um Presidente?*

– O **Monarca**, sendo vitalício, pode inspirar e conduzir um projeto nacional, com obras de longo alcance e que visem às futuras gerações. O Presidente tem quatro anos (renováveis uma vez) para elaborar e executar seu projeto, cujo alcance é voltado quase exclusivamente à sua reeleição.

– O **Monarca** não tem interesse em interromper as obras dos antecessores, das quais participou antes mesmo de subir ao trono. O **Presidente** quer executar seu próprio projeto, e com frequência interrompe o dos antecessores.

– O **Monarca** é o símbolo vivo da nação, personifica sua tradição histórica e lhe dá a unidade e continuidade. O **Presidente** tem mandato de apenas quatro anos e é eleito por uma parte da nação. Por isso não a personifica nem lhe dá unidade.

– O **Monarca** representa para o povo a figura de um pai e cria na nação a consciência de ser uma grande



Verdadeiro símbolo do atraso republicano é a transposição do Rio São Francisco. Por décadas gastaram-se bilhões de reais, e a muito custo o nordestino pôde ver a cor da água. D. Pedro II planejava construir o canal ao final do Império, mas a República só poria o plano em execução um século depois.



família, com um destino comum a realizar. O **Presidente** é um mero funcionário público temporário, e ninguém constitui vínculos psicológicos duradouros com ele, pois é substituído a cada quatro anos.

– O **Monarca** não está vinculado a partidos nem depende de grupos econômicos; por isso é independente e pode se dedicar ao que é melhor para o país inteiro. O **Presidente** se elege com o apoio de partidos e depende de grupos econômicos, que influem nas suas decisões.

– O **Monarca** é educado desde criança para reinar com honestidade, competência e nobreza, e durante toda a sua formação já participa dos problemas e do governo do país. O **Presidente** não é educado para o cargo, sendo frequentemente um aventureiro, um improvisado.

– O **Monarca** trata os súditos com amor, como um pai que ouve e se interessa pelos problemas dos filhos. O **Presidente** trata o povo de modo impessoal, como se fossem estranhos.

16 *Mas a Monarquia é algo do passado, é algo que ficou para trás. Restaurar a Monarquia não seria um retrocesso?*

Pelo contrário, a Monarquia é uma forma de governo muito adequada aos problemas modernos, ela se renova a cada dia e sabe se adaptar ao progresso do mundo atual. Das 15 maiores democracias do mundo, 8 são monarquias. Quem, em

A Monarquia se renova a cada dia: tão logo foi coroado, o Rei Felipe da Espanha mandou baixar a dotação da Casa Real para dar o exemplo diante de uma crise econômica



sã consciência, poderia considerar Japão, Inglaterra, Suécia, Holanda, Canadá e Austrália como países antiquados? O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU de 2020 mostra que a primeira colocada – Noruega – é uma Monarquia, e entre as 15 primeiras, 8 são Monarquias. Nossa República nos relegou ao 84.º lugar: hoje, o Brasil está atrás de Seychelles, Cazaquistão, Azerbaijão, e até de países em guerra.

17 *A Monarquia não acaba com a liberdade das pessoas?*

~~~~~

A Monarquia permite aos cidadãos muito maior liberdade do que a República. Durante o governo de D. Pedro II, o Partido Republicano tinha total liberdade de atuação, assim como a Imprensa. Foi a República que durante quase 100 anos proibiu a organização dos monarquistas e atualmente ensaia intervir na Imprensa e nas redes sociais.

### **18** *Monarquia e democracia não se opõem?*

~~~~~

Na realidade a Monarquia é a guardiã da verdadeira democracia. Durante todo o Segundo Reinado, no Brasil, o Partido Conservador e o Liberal alternaram-se no poder sem nenhum problema, pois o regime garantia que a vontade da opinião pública fosse expressa nas urnas. Todas as eleições ocorreram nas datas pré-estabelecidas. Muito diferente de nosso período republicano, no qual ocorreram sucessivos golpes de estado, ditaduras, governos de exceção etc.



Trono de D. Pedro II



19 *Ter simpatia pela Monarquia não é coisa de rico?*

Ter simpatia pela Monarquia não é coisa de rico, nem de pobre. Monarquia é algo nacional, é algo que envolve o país inteiro, com todas as suas classes sociais. Recentemente o Rei Charles III ascendeu ao Trono da Inglaterra, e o que se viu foram todas as classes sociais homenageando seu novo Soberano. E quando, nos meses anteriores ao Plebiscito de 1993, foram realizadas pesquisas de opinião pública em favelas brasileiras, sempre estas manifestavam majoritariamente favoráveis à Monarquia.



Todas as classes sociais homenagearam o Rei Charles III ao ser coroado

O Príncipe D. Bertrand sendo recebido com festa na favela Parque Vera Cruz, em São Paulo-SP, à época do Plebiscito de 1993



20

Por que os membros das Casas Reais do mundo inteiro não se misturam com o povo?



Príncipe D. Bertrand conversando animadamente com pessoas do público

São inúmeras as ocasiões em que os membros da realeza têm contato muito próximo com o povo: festividades, inaugurações, homenagens, visitas, viagens, audiências, recepções etc. No Brasil Imperial, qualquer brasileiro, por mais humilde que fosse, tinha acesso garantido ao Palácio e podia falar livremente com D. Pedro II.

A rainha da Inglaterra, Elizabeth II, quando jovem, trabalhou ativamente como enfermeira, tratando dos feridos na Segunda Guerra Mundial.

21

Um Rei fica no governo até o fim de sua vida. O povo não pode se cansar?

Transpondo a situação para uma família, o pai e mãe podem ser considerados de certa forma rei e rainha em seu lar. Poderia alguém imaginar um filho, neto ou bisneto cansado do convívio com eles? Pelo contrário, qualquer ocasião seria aproveitada para manifestarem consideração e carinho. Pouquíssimos reis ou rainhas tiveram reinado tão extenso – 70 anos – como o da última soberana da Inglaterra, e nem por isso seus súditos



Há 50 anos no trono, a Rainha Margareth II da Dinamarca goza de imensa popularidade



A Princesa Isabel também tinha planos para a inclusão social dos ex-escravos, mas o golpe da República sobreveio um ano após a Lei Áurea

países de origem, onde viviam em condições sub-humanas. Foram mandados não só para cá, mas para várias partes do mundo, como América do Norte e Central. Mas no Brasil era constante a preocupação dos monarcas pela libertação deles, que foi feita gradualmente, passo a passo, num processo lento, mas seguro, até culminar na Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 1888, contrariando os interesses de muitos escravagistas. O que pouca gente sabe é que a Lei Áurea libertou somente 16% dos descendentes de escravos africanos trazidos para o Brasil. A

realidade é que, em 1888, 84% dos afrodescendentes brasileiros já tinham sido libertados anteriormente, sobretudo graças às sucessivas leis emancipadoras, somadas à constante luta pela liberdade dos negros, bem como à atuação das confrarias religiosas católicas que angariavam donativos para libertar escravos.

24 *Tendo poderes, os soberanos não vão se enriquecer à custa do povo?*

Os poderes dos soberanos de nosso tempo estão estritamente limitados pelas Constituições, assim como as dotações orçamentárias colocadas à sua disposição para a manutenção e os gastos de representação das famílias reinantes. Além disso, o monarca atua como pai de seus súditos, e roubá-los seria lesar seus próprios filhos. Todo príncipe é preparado desde o berço para uma importante missão, fazendo parte de sua educação uma formação moral sólida. Muito diferente é o sistema repu-



blicano, no qual cada presidente eleito se julga dono do país e não presta contas efetivas de seus atos.



Sempre modesta, a Família Imperial brasileira jamais foi de ostentar: a decoração do Palácio Imperial de Petrópolis (à esq.) lembrava a casa de um burguês, enquanto que o Palácio da República (à dir.), no Rio (comprado pelo governo republicano de um rico comerciante do Império em 1896, e que serviu de residência do Presidente da República até 1960) era muito mais luxuoso do que a casa do Imperador

25

Se a Monarquia foi boa, por que os livros escolares falam tão mal dela?

Porque os livros didáticos são, na maioria, patrocinados por governos republicanos. Há uma verdadeira pressão psicológica para que os autores escrevam o que os governos querem, caso contrário seus livros não serão adotados. Entretanto, cada vez mais autores independentes e imparciais relatam a verdadeira História do Brasil, escapando assim da censura governamental.

26 *Houve um plebiscito em 1993 e a Monarquia perdeu. Isso quer dizer que o brasileiro é republicano?*

Devido às circunstâncias na qual se realizou tal plebiscito – organizado e realizado pelas autoridades republicanas – pode-se dizer que o resultado de 13% obtidos pela Monarquia até surpreendeu. Os obstáculos impostos aos monarquistas foram desde o impedimento de a Família Imperial aparecer nas propagandas obrigatórias, até a antecipação do referendo em 6 meses. Em 2013 – 20 anos após o Plebiscito – o Portal Terra relembrou o episódio, promovendo nova enquete. Resultado: Monarquia 82,15%, República 2,95%, Parlamentarismo 10,76%, Presidencialismo 4.14%.



27 *Se a Monarquia é tão boa, por que os brasileiros não promoveram a volta dela logo no início da República?*

Movimentos nesse sentido houve, e muitos brasileiros foram violentamente perseguidos e até mortos



porque simpatizavam com os ideais monárquicos. Mas apesar das perseguições e dos 100 anos de silenciamento, o ressurgimento monárquico está aí, incontestemente. Prova? A divulgação deste trabalho, com enorme aceitação de todas as classes sociais, sobretudo de jovens! Criadas as condições para a Restauração, esta se dará com naturalidade, sem a necessidade de golpes, revoluções e mortes, como sempre fazem as repúblicas.

28 *Por que os monarquistas não formam um partido político?*

~~~~~

A Família Imperial não impede a formação de nenhum partido, pois os brasileiros são livres para se organizarem como quiserem. Entretanto, não é favorável à formação de um partido monarquista, pois a Monarquia é, por sua própria natureza, apolítica e suprapartidária, devendo se sobrepor aos embates políticos. O Monarca é o símbolo vivo da nação, e como tal acolhe a todos os seus súditos, não importando a qual sigla política pertençam; ele é a encarnação das virtudes de seu povo. Nas pugnas eleitorais dos partidos, o Monarca é o algodão entre os cristais, evitando o esfacelamento da Nação.

### **29** *Se eu quiser me afiliar à causa da Monarquia, como devo fazer?*

~~~~~

A Monarquia não é um partido político e, portanto, não tem afiliados propriamente ditos. Mas a associação Pró Monarquia, vinculada à Casa Imperial do Brasil, divulga, por meio de suas redes sociais, tudo sobre o movimento e a agenda dos Príncipes, dispondo do serviço de divulgação “**Acontece na Monarquia**”, que informa aos interessados, por e-mail, o que de mais importan-

te se passa no movimento, bem como edita o boletim trimestral “**Herdeiros do Porvir**”, enviado por correio. Encontros regionais são promovidos por Círculos Monárquicos de várias capitais, durante todo o ano. Siga **@ProMonarquia** no Facebook, Instagram e Twitter, ou utilize o **Fale Conosco** do site **monarquia.org.br** para inscrever-se e manter-se atualizado.

30 *Numericamente, quantos são os monarquistas no Brasil*

Diariamente chegam, de todo país, pelo site **monarquia.org.br** e pelas redes sociais da **Pró Monarquia**, incontáveis mensagens de simpatia pela causa monárquica. São manifestações espontâneas de pessoas que se empenham em manter contato, algumas se oferecendo para formar grupos de aderentes locais. Existem diversos grupos dessa natureza espalhados pelo país, como também já são várias as páginas especializadas na matéria pela Internet. Embora não seja possível no momento quantificar, é sem sombra de dúvida grande o número de brasileiros monarquistas ou simpatizantes da Monarquia. E esse número cresce a cada dia, sobretudo entre o público jovem.

31 *Como os Príncipes brasileiros mais jovens avaliam a crise que se alastra por tanto tempo no país, e o que propõem numa possível Restauração?*

O Príncipe D. Rafael, terceiro na linha de sucessão, tratou do assunto no XXIV Encontro Monárquico Nacional. A seguir trechos de seu discurso:



Acompanhamos ao longo dos últimos anos diversos escândalos, polêmicas, histórias envolvendo nossos políticos e nossos representantes, a tal ponto que a população se cansou de tanta roubalheira, tantos escândalos, e muitas manifestações começaram a acontecer. Isto nada mais é do que um grito de “chega”, não aguentamos mais esta forma de governo, esta ofensa ao povo batalhador, que é o povo brasileiro. Mais uma vez estamos à frente de candidatos onde o Brasil olha para eles e espera que alguma coisa diferente aconteça.

Mas e nosso papel como monarquistas? O que fazer? O que temos de diferente a oferecer? Alguns pontos fundamentais que definem a Monarquia como a melhor e única forma de governo: o Monarca é uma figura imparcial, diferentemente de qualquer governante ou político, não tem partido nem está sujeito à vontade de classes ou grupos econômicos; outro ponto importante é o fato de ser preparado desde sua infância para exercer a função de Chefe de Estado (...).

A função do poder real em uma Monarquia Constitucional seria a de um mediador capaz de resolver os conflitos entre os poderes instituídos. Este poder garante ao país estabilidade governamental e isso permite que as mudanças no governo sejam feitas sem que haja instabilidades políticas além de possibilitar uma rotatividade maior na direção do governo.

E por fim — é o que a população vem pedindo tanto, sem saber o que ela quer — uma democracia real. Um país democrático é aquele que dá voz ao povo. Isto não é só representado pelo voto, como a Constituição configura. A democracia só existe quando o povo é consultado e seus anseios respondidos. A verdade é que a democracia está muito mais presente numa Monarquia. Sabemos que dos 10 países mais democráticos do mundo, sete são monarquias. Então, ano após ano vemos a República perder força e o nosso movimento ganhando novos seguidores, novos adeptos. O que precisamos é continuar divulgando nossas ideias, sem precisar diminuir a República, pois isso ela faz por si só, e sim elevar nossa causa à altura que ela merece. Afinal, estamos trabalhando para a Nação brasileira e eu, mais do que ninguém, estarei sempre a serviço do Brasil.



“Propostas Básicas” com vistas à Restauração da Monarquia no Brasil

Muitas pessoas têm indagado qual seria o programa de governo da Monarquia. Num sistema monárquico constitucional parlamentarista não cabe ao Imperador – Chefe de Estado e não de Governo – elaborar tal programa. Essa é uma tarefa própria do Primeiro Ministro, que é Chefe de Governo.

O Monarca apenas formula propostas seguindo sua interpretação dos interesses e aspirações nacionais. Cabe ao Ministério e ao Parlamento examiná-las, discuti-las e inseri-las no planejamento governamental.

Reproduzimos abaixo as “Propostas Básicas” que o Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil (1938-2022), aprovou em 3 de maio de 1991 e que o Príncipe D. Bertrand de Orleans e Bragança revisou em maio de 2023, para o conhecimento de todos os brasileiros.

– A –

1. Restauração da Monarquia nas linhas gerais da Constituição de 25 de março de 1824, feitas naturalmente as necessárias adaptações à atual realidade brasileira.

2. Monarquia hereditária na Casa Imperial do Brasil, com o conseqüente reconhecimento de Sua Alteza Imperial e Real o Príncipe D. Bertrand de Orleans e Bragança, Chefe da mesma Casa, legítimo detentor dos direitos à Coroa.

3. Poder Moderador como atribuição do Imperador. Poder Executivo exercido através do Primeiro Ministro, integradamente com os demais membros do Gabinete, que goze de confiança do Imperador e do Parlamento, de acordo com o sistema parlamentar que vigorou, com tanto sucesso, ao longo do reinado de Dom Pedro II.

4. Legislativo bicameral, constituído de Senado e Câmara dos Deputados, eleito por sufrágio universal.

5. Manutenção, no que diz respeito ao Poder Judiciário e ao Ministério Público, das condições de independência dos respec-



tivos membros: vitaliciedade, irremovibilidade e irredutibilidade dos vencimentos.

6. Conselho de Estado, sendo os respectivos membros escolhidos pelo Imperador, dentre as figuras exponenciais dos vários setores da vida nacional.

7. Manutenção do sistema federativo, comportando a possibilidade de o Parlamento do Império desdobrar em novas unidades federadas as já existentes, sempre mediante consulta popular plebiscitária às populações interessadas.

8. Ampliação da autonomia dos municípios, dentro da organização política dos estados.

– B –

1. Igualmente cumpre que seja protegida eficazmente a família, célula-mãe da sociedade e fundamento da Civilização Cristã. Os pais deverão ser esclarecidos sobre os verdadeiros direitos e fins da família, de sorte que se valorize, aos seus olhos, a sublime missão de resguardar a vida da prole, a qual é condição básica do bem-estar doméstico. E formação, em todos os lares, de uma consciência oposta ao infanticídio e à violência contra as crianças.

2. Em conformidade com o princípio de subsidiariedade, cabe primordialmente à família a missão de educar a prole. O Poder Público porá todo o empenho no desenvolvimento da rede de ensino privada, e, ademais, completará, mediante a colaboração da rede de ensino público, o que seja necessário para dotar integralmente a população nacional do nível de instrução adequado. Das medidas conducentes a tal fim constará a melhoria da remuneração dos professores de todos os graus. Cessará assim a grave anomalia de que muitos membros do magistério nacional percebem hoje, injustamente, salários com frequência inferiores aos do trabalhador não-qualificado.

3. Valorização da grande missão das Forças Armadas como guardiãs da Nação. No seu prestígio e na sua eficiência repousam a paz social e a segurança interna e externa de nossa Pátria, bem como o merecido realce desta no cenário internacional. Aos seus integrantes devem ser proporcionadas todas as condições para que vivam condignamente, isentos de preocupações

materiais que afetem seu moral e os afastem da dedicação integral às lides castrenses.

4. As Polícias Militares e os Corpos de Bombeiros Militares, legítimas reservas das Forças Armadas, como tal serão considerados, reconhecido e realçado seu papel intransferível na segurança pública e na defesa territorial do País. Às Polícias Federal e Civil, responsáveis pela preservação da ordem pública e pela incolumidade das pessoas e do patrimônio, será assegurado tratamento consentâneo com seu importante e indelegável papel, em especial na defesa do cidadão e no combate à criminalidade em todas as suas formas.

5. Respeito ao sistema de sindicalismo livre, de acordo com o compromisso assumido pelo Brasil ao assinar a carta da OIT.

6. A exemplo do ocorrido durante o longo reinado de D. Pedro II, os meios de comunicação social deverão gozar das mais amplas faculdades para desempenharem seu importante papel informador e formador de opinião pública. O exercício dessa liberdade deve ser entendido com sua função social, sendo assegurado a qualquer brasileiro, bem como à sociedade civil, o direito de defender a sua honra e a moralidade familiar ou social, nos termos da lei.

– C –

1. Conclamam-se todos os brasileiros a constituírem uma união sagrada de todas as forças vivas da Nação em torno do legítimo sucessor dos Imperadores que asseguraram a unidade, a grandeza e a prosperidade do Brasil, num esforço comum para a superação das graves crises que assolam hoje o País.

2. Sendo, por excelência, a forma de governo monárquica aquela que mais se aproxima do modelo familiar que deve ser a matriz de todas as sociedades humanas, a restauração do Império deve ser acompanhada de uma ampla confraternização de todos os brasileiros em todo de um comum objetivo, esquecidos seus ódios, malquerenças e divisões de qualquer espécie. Destarte, a campanha pela restauração da Monarquia – verdadeira cruzada nacional –, conduzida em níveis elevados, não visará atingir pessoas, organizações e partidos, ficando a propaganda e o debate primordialmente no plano das ideias.

Mãe Aparecida, restaurai o Brasil monárquico!

“A sorte está lançada, o Brasil está independente, não temos mais vínculos com Portugal. Independência ou Morte”. Com estas palavras D. Pedro I proclamou nossa Independência, no dia 7 de setembro de 1822, à beira do



Riacho do Ipiranga, em São Paulo. Acabava de nascer a belíssima nação chamada Brasil. A situação política então criada exigia que o Monarca voltasse urgentemente para a capital do Império, Rio de Janeiro, devendo percorrer os mais de 400 quilômetros que separam as duas cidades no menor tempo possível. As estradas precárias da época não foram problema para nosso feroz Imperador, que num galope alucinante venceu esta distância em apenas três dias. Entretanto nenhuma pressa foi suficiente para impedi-lo de visitar no cami-

nho a imagem de Nossa Se-

nhora Aparecida e consagrar a Pátria recém-nascida à Mãe de Deus, criando o título de Nossa Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, denominação ratificada mais tarde pela Santa Sé. Seguindo os passos de nosso primeiro Imperador, consagramos a campanha de distribuição deste trabalho também a Ela, para que de seu trono celeste faça aflorar pelos quatro cantos deste imenso território as condições que nos conduzam à tão almejada Restauração Monárquica.



MONARQUIA

um sonho que pode se
transformar em realidade.

REPÚBLICA

um pesadelo que começou em 1889
e está demorando demais para acabar.

A **SOLUÇÃO** é o Brasil acordar logo
desse pesadelo e abrir os olhos
para a realidade vivida **HOJE**
por países do Primeiro Mundo,
como Inglaterra, Bélgica, Espanha,
Holanda, Japão, Suécia, Dinamarca,
Noruega, Canadá
e outros mais